

# DEVIR ABORTIVA



LANIX MONSTRUA



**Herética Edições**  
**Lesbofeministas**  
**Independentes**

contato:

[apoiamutua@riseup.net](mailto:apoiamutua@riseup.net)

<https://apoiamutua.milharal.org>



\*devir abortiva\*

Laniñx Monstrua,  
publicadas no fanzine  
*POESIA.NOT.DEAD* -

*.escrituras desde o corpo, desde a  
raiva e nossas próprias experiências.  
.agora, refletimos desde nós mesmas.*

hoje escrevo desde mim. em primeira  
pessoa. desde minhas próprias  
experiências e sensações, aquelas que  
transitam meu corpo, sem aviso  
prévio. um corpo. infinitos corpos.  
habitados por mil experiências  
distintas, embora no fundo sejam a  
mesma. porque ainda vivemos neste  
mundo que muitas vezes nos parece  
alheio, mas que é bem nosso; produto  
de nossas próprias práticas e formas  
distintas de pensá-lo, de pensar-nos.  
um mundo e infinitos mundos ao  
mesmo tpo. aí, nós mesmas latentes.  
intenses. é aí onde começa nossa  
própria história.

\*\*\* \*\*

Eu abortei quando tinha 17 años. Ou melhor dizendo, tive o privilégio de abortar na clandestinidade. E o digo com o menor tom de horror que muites põem no tema. Porque a pergunta para mim é como fazer do aborto uma experiência vivível, digna, riquíssima, poderosa para quem a escolhemos; antes que fazer dela uma estatística, uma fatalidade de slogan político, uma rua sem saída. Mas isso não significa negar que, como toda experiência possui uma diversidade de nuances, de dobras, de voltas, de idas e vindas, de fugas, de fugas. Possui tudo que uma experiência deve ter: é única.

Se tivesse que descrevê-la diria que

não foi uma experiência política em si mesma, porque algumas de nós simplesmente não a vivemos como tal, senão que bem mais como o puro exercício da liberdade, porque em último caso disso se trata.

Abortar é isso: nem mais que o exercício da liberdade, nem menos que uma experiência intensa, uma intensidade que nos atravessa de maneira total, filosa, desigual e milimétrica. É isso, e também é devir abortiva ala Alberto Bassi: “feia, suja e má”. É devir pecadora.

Ser tudo isso me encanta.

Se tivesse que descrever a liberdade,

diria que se caracteriza por ser eminentemente abortiva. Aborto cada vez que me encontro em uma situação que não escolho. Ou seja, abortamos praticamente todo o tempo, de maneira contínua e ao largo de toda a vida.

A liberdade, como eu a vejo, não se trata de um mero direito. E abortar não se trata simplesmente do direito a fazê-lo. O certo é que não se trata do direito em si, nem de sua legalidade formal e superficial. Embora ao final das contas, tudo isso nos pesa no corpo, sobre o corpo, e ao mesmo tempo nos atravessa de maneira fatal.

A Lei pesa sobre meu corpo. E ao mesmo tempo a quero sacar.



O direito, essa frase que dizemos todo o tempo: “eu tenho direito a...”, no melhor dos casos vem a legalizar o exercício de uma prática de liberdade. E no pior dos casos, o cremos. E cremos profundamente. Acreditar que temos “direito a...”, para depois necessitar de alguém que o legitime e reconheça. E neste caminho, o direito já não o temos, ou melhor dizendo, já o tem outro.

A mim ninguém me pode outorgar o “direito a escolher” como tampouco me podem quitar, porque a liberdade de escolher antes que um direito, primeiro é um fato.

A liberdade de escolher da qual falamos não tem haver com a idéia de ser cidadãs: mães, brancas, lindas, ordenadas, respeituosas e boas esposas.

A liberdade de escolher não é o “direito ao voto”.

A liberdade de escolher não está em nenhuma constituição.

A liberdade de escolher não se escreve em um papel.

A liberdade de escolher tampouco está na Lei.

Penso que vivemos em una sociedade onde a liberdade está legalizada, ou seja que somente existe formalmente. É uma liberdade abortada, truncada,

mediatizada, absurda, hipócrita.

Por outro lado, acho que a liberdade de escolher é mais precisamente, uma ação.

Abortar, em nossos próprios termos, é isso: uma ação antes que um direito. Ou em todo caso, o direito vem depois: vem penalizar essa ação, a submetê-la a juízo-legal. E neste mecanismo devimos pura ilegalidade. Somos formal e legalmente ilegais, irresponsáveis, culpáveis, julgáveis, formalmente monstruosas, “feias, sujas e más”. Devimos monstras. Abortar é além disso, a ação que foge completamente à norma heterossexual.

Se afasta do eixo. É algo que não se espera. Des-centra.

Aborto ao político que ousa dizer que me representa.

Aborto a presidenta porque não acredito no voto.

Aborto a autoridade que acha que tem poder de me subordinar.

Aborto a Lei do Pai.

Aborto a família.

Aborto a instituição da heterossexualidade e sua lógica matrimonial.

Aborto a normalidade compulsória.

Aborto aos casais heterossexuais: essas que vem em formato de sexos

opostos, ou do mesmo, dá na mesma, porque a heterossexualidade é uma forma de relacionar-se e não somente o mito de que os sexos opostos se atraem, se complementam e o conto do amor romântico.

Aborto a pessoa que não quero: esteja viva ou esteja por nacer, dá na mesma porque o fato é que não a quero em minha vida.

Quando escolho dizer não: aborto.

Não aborto as pessoas que sim quero e desejo sua companhia.

Não aborto as amigas.

Não aborto a alegria de me sentir e nos sentir vivas.

Não aborto as “feias, sujas e más”.  
Porque eu sou uma delas.

Não aborto a rebeldia.

Não aborto as indefinidas.

Não aborto as pecadoras.

Não aborto as putas.

Não aborto as abortivas.

E isso sucede todo o tempo.

Creio que a liberdade existe em  
última instancia quando se a exerce,  
existe como ato. Em nossos próprios  
termos, a liberdade é eminentemente  
abortiva ou não é liberdade. E abortar  
é nosso mais legítimo mecanismo de

auto-defensa.

Re-apropriar-nos deste exercício significa também que aquelas que abortamos não somos vítimas senão que sobreviventes. E como tais somos, existimos, vivemos e rimos. Sim, rimos do seu olhar, de seus preconceitos, de seus medos, mas também dos meus, por sorte ainda damos risada de nós mesmas.

E como todo exercício da liberdade neste mundo, tem seu custo. O desafio está em saber como lidar com eles. Fazer de nossa existência uma poderosa experiência.

Por último, há uma lógica trapaceira que nos põe em xeque, mas que se desbarata cada vez que devimos

abortivas...

Se o argumento é: “como você se deixou engravidar”, você é muito burra, imadura, um ser inferior incapaz de decidir que é o que quer, quando e com quem. Uma vítima, frágil, sem autonomia.

Se o argumento é: “você buscou por isso”, você é uma puta e você tem que assumir a consequência dos seus atos porque é tua culpa, de ninguém mais que sua.

Ou somos santas ou somos putas.

Ou somos meninas ou somos mulheres adultas.

Ou somos vítimas ou cúmplices.

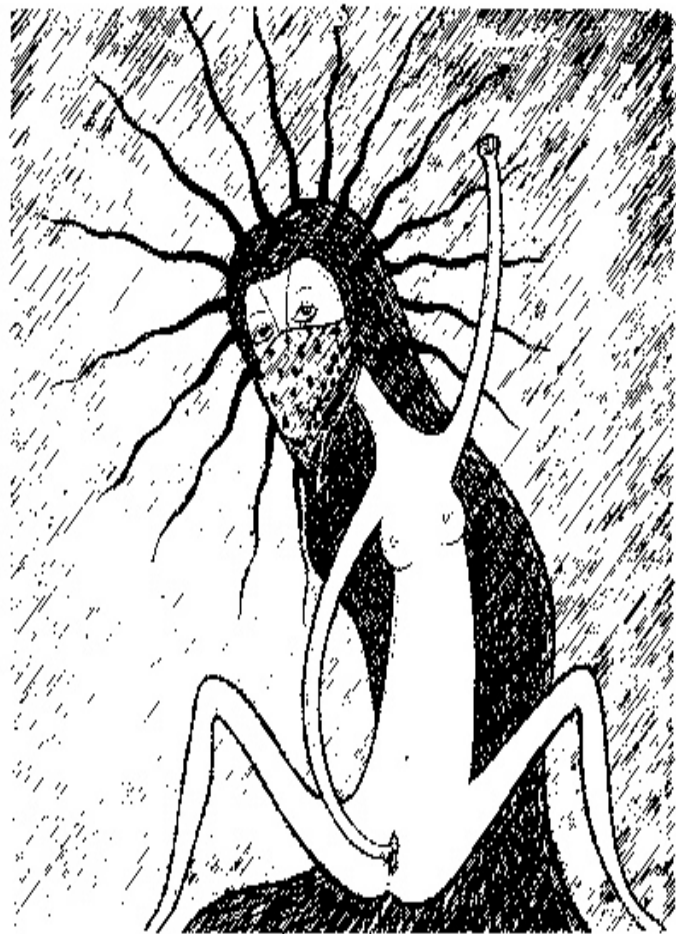


Ou somos umas ou somos as outras.

Mas nunca somos nós mesmas.

De tudo isso que se trata abortar: é preciso dizê-lo de uma vez por todas, quando abortamos falamos por nós mesmas, e nisso consiste a liberdade.

:::devenir (A)bortiva:::





"ABORTAR, EM NOSSOS PRÓPRIOS TERMOS,  
É ISSO: UMA AÇÃO ANTES QUE UM DIREITO,  
OU EM TODO CASO, O DIREITO VEM DEPOIS;  
VEM PENALIZAR ESSA AÇÃO, A SUBMETÊ-LA  
A JUÍZO-LEGAL. E NESTE MECANISMO  
DEVIMOS PURA ILEGALIDADE. SOMOS  
FORMAL E LEGALMENTE ILEGALIS,  
IRRESPONSÁVEIS, CULPÁVEIS, JULGÁVEIS,  
FORMALMENTE MONSTRUOSAS, "FEIAS,  
SUJAS E MÁIS". DEVIMOS MONSTRAS.  
ABORTAR É ALÉM DISSO, A AÇÃO QUE FOGE  
COMPLETAMENTE À NORMA  
HETEROSSEXUAL"

HERÉTICA  
EDIÇÕES FEMINISTAS &  
LESBICAS  
INDEPENDENTES

